

LISBOA, Adriana. *Azul-Corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 219 p.

A melancolia e a memória são parte integrante dos romances de Adriana Lisboa, escritora que é graduada em Música, tem mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada. Lisboa começou oficialmente sua carreira em 1999, com a publicação do romance *Os fios da memória*. Em 2004, lançou uma coletânea de contos curtos e poemas. Já em 2007, publicou uma novela que foi adaptada para o cinema. Seus livros foram publicados em diversos países, e sua literatura também recebeu prêmios, como o José Saramago, concedido a autores-revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e a produção dos textos da autora é impulsionada pelo recimento de bolsas de criação e tradução, como a que recebeu da Fundação Biblioteca Nacional, do *Centre National du Livre* (França) e da Fundação Japão.

A obra de Lisboa se completa com três livros infanto-juvenis, contos populares japoneses, além de outros três romances, incluindo *Azul-Corvo*, que foi publicado em 2010. Este texto é um relato em primeira pessoa de uma adolescente de treze anos, Evangelina, que, após perder sua mãe, decide morar com o ex-padrasto, Fernando, nos Estados Unidos, em busca do pai biológico até então desconhecido. Durante essa busca, a narradora-personagem Evangelina, que se autodenomina simplesmente Vanja, rememora fatos ligados ao seu passado, principalmente àqueles relacionados à sua mãe, originando uma memória em forma de romance.

Outra peculiaridade da obra é que Lisboa mantém a curiosidade dos leitores, já que a causa da morte da mãe de Vanja e o motivo pelo qual a narradora-personagem decide morar com Fernando não estão explícitos no início do romance. Somente ao longo dos capítulos é possível descobrir as razões para esses fatos.

Em relação à estrutura do romance, a forma com que este é apresentado ao leitor também introduz o caráter de lembrança. Ao total, são quinze capítulos que compõem a obra, nos quais os relatos da personagem fazem o percurso semelhante ao de uma memória, mas de uma memória fragmentada, que transita em diferentes assuntos e forma, assim, uma corrente de pensamentos totalmente desequilibrados e até mesmo desconexos. Nesse sentido, vale recorrer a reflexões de Paul Ricouer (2007) acerca das memórias. Ricouer (2007) ressalta John Locke, o inventor da sequência identidade,

consciência e eu na construção de memórias. Nas palavras de Ricouer, “Resta que John Locke é o inventor das três noções, e da sequência que formam juntas: identity, consciousness, self.” (RICOUER, 2007, p. 113) Tal sequência assinala o percurso de uma memória, situação que não se evidencia na obra de Lisboa e que pode configurar uma dificuldade de compreensão do texto por um leitor não familiarizado com a escrita que segue uma organização lógica.

Na esteira das memórias da narradora-personagem, sobressai-se a busca pela construção de uma identidade, a qual só pode ser alcançada a partir do conhecimento sobre a própria vida. Em consonância com a procura pelo pai e as lembranças frequentes sobre a mãe, o fato de Fernando ter sido um dos combatentes na Guerrilha do Araguaia - uma luta de comunistas que sofreram repressões parecidas com as da ditadura militar - estimula a curiosidade de Vanja sobre a sua vida. Contudo, as respostas para as perguntas da personagem são reveladas aos poucos e em conversas informais, o que dificulta a percepção dela sobre si mesma e também do leitor em relação à personagem.

No romance, o tom melancólico da escritura do texto, de forma inusitada, transformou a convivência entre Vanja e Fernando em uma amizade eterna. Fernando demonstra-se desiludido devido à vivência na guerrilha, torturas, amores não correspondidos, não gosta de conversar, porém se aproxima de Vanja na busca pelo pai dela, um norte-americano perdido entre África e América. Vanja nasceu nos Estados Unidos, mas cresceu no Brasil, no Rio de Janeiro. A morte da mãe é um divisor de águas para a personagem. Ou ela continua vivendo com a tia no Brasil e chorando pela morte da mãe, ou inicia uma nova identidade em outro país. E é essa segunda opção que transforma a vida da personagem. Uma adolescente de treze anos precisa amadurecer em pouco tempo e acostumar-se com as transformações e perdas de sua vida. Os dramas de Fernando e Vanja os unem.

O último capítulo do romance demonstra ser mais um resumo geral de toda a obra, impedindo que o leitor possa imaginar uma continuidade da narrativa. Lisboa reserva esse espaço para relatar como ficaram as vidas dos personagens principais depois de Vanja ter encontrado o seu pai. E encerra com Vanja narrando que mudaria somente um fator em sua vida: Fernando e a mãe dela, Suzana, deveriam ficar juntos, o que não aconteceu. Ao terminar de ler o romance, o leitor pode constatar que a obra se

restringe a um registro das memórias da personagem principal, memórias que não são apresentadas de modo a estabelecer uma sequência lógica.

Todos esses elementos contribuem, enfim, para atestar que *Azul-Corvo* é um romance que não apresenta claramente ao leitor o principal fio condutor da obra. No entanto, o texto é construído com uma linguagem objetiva e simples, que possibilita ao leitor menos familiarizado com as letras uma vivência dos dramas vividos por Vanja e Fernando, mesmo que essa experiência não seja acompanhada de reflexões profundas.

Larissa Bortoluzzi Rigo

Jornalista e Mestranda em Letras, Área de Concentração Literatura Comparada, na

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, *campus*

Frederico Westphalen.

E-mail: lary_rigo@yahoo.com.br